

FOYER DA SALA VILLA-LOBOS DO TEATRO NACIONAL CLÁUDIO  
SANTORO, BRASÍLIA, DF, 11 DE JUNHO DE 2002

*Senhor Governador Joaquim Roriz; Senhores Ministros; Ministro Francisco Weffort; Ministro Celso Lafer; Doutor Antônio Takano; Família Kubitschek, Ana Cristina, Paulo Otávio, suas irmãs; Senhoras e Senhores,*

É, para mim, realmente, alguma coisa, assim, emocionante poder ser Presidente num momento em que o Brasil rende uma homenagem, que devia ser continuada, a Juscelino Kubitschek.

Alguns hão de se recordar de que, na primeira vez que fui candidato à Presidência da República, fiz questão de lançar a minha plataforma no Memorial JK. E não foi um gesto eleitoreiro: foi um gesto de respeito, de convicção. Ainda sou daqueles – aqui há alguns – que se recordam muito vivamente do que foram os anos de Juscelino. Anos realmente brilhantes. Na época, meu pai era Deputado, da maioria, apoiando Juscelino. Eu era professor universitário e estava afastado. O Ministro Celso Lafer escreveria suas teses sobre o Governo Juscelino pouco depois.

Temos, portanto, uma vivência muito direta, muito plena do que foi o período de Juscelino aqui, no Brasil, um período que, agora, graças à

iniciativa do Instituto Takano, nós vamos poder ver, de forma também brilhante, através de uma edição – eu não vi ainda a desse número, mas vi os números anteriores – que, certamente, estará à altura do que fez Juscelino.

Juscelino fez muito. Estava lendo, recentemente, um livro sobre ele, o “JK”, do Cláudio Bojunga. Não acabei de ler, porque o livro é grosso, não é livro para Presidente. Mas, de qualquer maneira, vou terminá-lo.

Vale a pena reviver o que foi o período em que Juscelino começou a atuar e as características da personalidade dele, que permitiam que ele fizesse aquilo a que o Ministro Lafer sempre se refere: construir o futuro, a inovação a partir do presente, a partir de uma situação dada.

Como todos sabemos, Juscelino nasceu em Diamantina. A Diamantina da época dele era uma Diamantina bastante sofrida, pobre, longínqua mesmo, não havia comunicação, nada. E Juscelino, lá longe, estava, ao mesmo tempo, antenado, sintonizado com o que havia no mundo. Quando pôde, foi estudar. Quando pôde, foi para a Europa, em condições muito precárias. Voltou, também resistiu a um intento autoritário, logo de início, às tentativas autoritárias de um certo momento da vida de Getúlio.

Depois se convenceu, foi convencido, e fez bem em sê-lo, de que havia condições, lá em Minas, para uma evolução. E aceitou ser Prefeito de Belo Horizonte. Marcou.

Hoje, nós todos estamos extasiados, aqui, diante de Brasília. E Brasília é, realmente, de tirar o chapéu, porque é a síntese de uma civilização específica, que é a nossa, brasileira. Essa síntese tinha como motor um homem como Juscelino. Já tinha lá em Belo Horizonte. Quando se vê a Pampulha, é a mesma coisa. Você tem essa emoção de ver como é possível criar a partir de uma coisa muito nossa, mas com uma linguagem que é universal – e cujo arquiteto maior, o Niemeyer, por sorte ainda conosco, aprendeu junto de um dos maiores arquitetos do mundo, o Le Corbusier.

As formas de Brasília, como as da Pampulha, guardam uma ressonância com o barroco. Elas não são funcionais. Aliás, o Niemeyer não gostava desse funcionalismo estrito. Guarda esse sentido do espaço e

essa vontade de ser caprichoso com o espaço: criar, dentro do espaço, formas que são voluptuosas. Isso é muito brasileiro. Claro que tem uma disciplina, tem um aprendizado, marca uma vontade, mas um pouco *à vontade*. E isso foi Juscelino. Ele tinha vontade, mas era *à vontade*. Ele dizia que ele era o homem da convivência que se aceitava como o homem da conciliação. Ele sabia que, num país como o nosso, um país tão cheio de contradições, de desigualdades regionais, de renda, de classe, com, tantas vezes, intolerância, é preciso ter um espírito de conciliação.

Mas, no Juscelino, a conciliação não queria dizer fraqueza. Não. Tomou posições sempre. Tomou posições lá atrás, quando muito jovem. Na política mineira, com Benedito Valadares, com tudo aquilo lá, ele tomou posição, num dado momento em que lhe pareceu que o rumo do Estado Nacional ia para um lado inaceitável, que era o do autoritarismo. Tomou posição sempre.

Ser conciliador à moda do Juscelino não é ser incapaz de ter posições. Ao contrário, tem posição e concilia para obter o resultado daquela posição que deseja. E, no caso de Juscelino, o desejo era muito claro: democracia e desenvolvimento.

O tempo todo criou condições. Eu disse que meu pai era da maioria do Juscelino, que teve a maioria para governar. Mas para fazer o quê? Para fazer o que ele fez: para fazer Brasília, para abrir o Brasil. Eu me lembro, na época, quanta crítica, meu Deus, por causa das empresas automobilísticas, que eram estrangeiras, que vinham para cá. E, não fosse ele tê-las trazido, não teríamos hoje esse parque que temos, não só automobilístico. Ele tomou posições em tudo, no plano de metas. Quer dizer, ao mesmo tempo em que expressava, tão vivamente, Minas e o Brasil, essa nacionalidade tão forte, ele sabia que o Brasil tinha que se integrar, tinha que ter objetivos para ultrapassar aquele momento. Então, definia metas, perseguia essas metas, sempre com espírito democrático.

É claro que isso tudo gerou o que foi chamado de “os anos dourados”. A bossa-nova, o cinema novo, a Copa do Mundo, tudo isso vem um pouco junto com esse momento tão grandioso do espírito brasileiro e tão bem incorporado pela figura de Juscelino.

Agora, no centenário, é mais do que justo que se festeje esta cidade, filha desse sonho de Juscelino, que foi, de alguma maneira, o sonho de muitos de nós, dos que estávamos, no momento, vivenciando o que acontecia no Brasil.

Agora, esse sonho é uma realidade. O Governador Roriz enfrenta essa realidade do cotidiano. E, por sorte, nós agora estamos tentando. E fiquei feliz de ouvir as palavras de Ana Cristina, de que o maior presente na memória de Juscelino foi a perpetuação da independência de Brasília com a aprovação do fundo próprio.

É natural, depois de tanto tempo de Brasília ter mostrado a sua viabilidade, que o Brasil continue dando um voto de confiança a esta cidade. Mas, ao dar um voto de confiança a esta cidade, o que estamos fazendo é reverenciando Juscelino – e reverenciando à maneira que acho que ele gostaria: sem pompa, de uma maneira à vontade. Acho que isso foi o que caracterizou o espírito de Juscelino, que foi um fazedor, mas não gostava de esmagar os outros, um homem que conciliava, mas tinha posição firme; que sabia ser preciso modificar, mas partia de uma base do real; sonhava com os pés no chão, mas não para ficar parado, até porque esse sonho, pouco a pouco, palmilha um caminho, que foi o que ele fez.

Meu Deus, que exemplo maior podemos ter todos nós senão o exemplo de uma vida como a de Juscelino?

Quanto à parte final, de que o perseguiram – quantos de nós fomos perseguidos! deixa para lá –, Juscelino perdoou duas vezes, enquanto era vivo, aqueles que empunharam armas contra ele. Imaginem: certamente, hoje, ele lá, na sua tranqüilidade espiritual, está perdendo tanta bobagem que se fez no Brasil, em nome sei lá de que ideais. Mas para quê? Fizeram. E o que adiantou? Nada. Adiantou, sim, porque foi possível superar, porque foi possível, de alguma maneira, voltar a uma visão de um Brasil mais à vontade, de um Brasil mais conciliador e de um Brasil que acredita, que tem fé.

Juscelino sempre teve fé.

Agora, quando estava vindo para cá, estava falando para a Ruth, no automóvel: meu Deus, que beleza que está essa Catedral! E aquelas

mãos espalmadas, com o gênio do Niemeyer. Nessa Esplanada fantástica do Lúcio Costa, viemos vendo por trás de tudo a presença de Juscelino.

Meu Deus, penso que temos que agradecer muito por termos podido, os que somos mais velhos, presenciar um pouco do que foi a época de Juscelino e, os mais novos, de podermos ler essa revista maravilhosa, relembrar dessa época e, quem sabe, todos nós ficarmos mais motivados para seguirmos, embora de longe, na mesma trilha.

Muito obrigado.